

Entre Hetairai e Pornai: a prostituição da Grécia antiga e seu lugar na sociedade ateniense

Between hetaira and pornai: prostitution in ancient greece and its place in athenian society

Priscila Marques França⁴⁸

Maria Regina Candido⁴⁹

Artigo recebido em 13 de outubro de 2025

Artigo aceito em 13 de janeiro de 2026

Resumo: A prostituição na Antiguidade grega era uma prática comum, amplamente documentada. As prostitutas se dividiam entre hetairai e pornai, grupos distintos, porém marginalizados. Este trabalho analisa o papel dessas mulheres nas esferas pública e privada, bem como o funcionamento de suas vidas, com base em textos clássicos, sobretudo o *Discurso Contra Neera*.

Palavras-Chave: Atenas. Contra-Neera. Hetairai. Pornai. Prostituição.

Abstract: Prostitution in Ancient Greece was a common and well-documented practice. The prostitutes were divided into *hetairai* and *pornai*, distinct yet marginalized groups. This study analyzes the role of these women in both the public and private spheres, as well as the functioning of their lives, based on classical texts, especially the *Against Neaera* speech.

Keywords: Athens. Against Neaera. Hetairai. Pornai. Prostitution.

Introdução

A palavra “prostituta” é definida como uma mulher que realiza serviços sexuais em troca de dinheiro. O termo é utilizado da mesma forma em outros idiomas, como o inglês. Detém raízes no latim, derivando da palavra “*prostituere*”, a qual significa “expor-se publicamente”, sendo que, a partícula “*pro*” corresponde a “antes” e a segunda parte “*statuere*” denota “estabelecer”⁵⁰. Como aborda Julia Assante, essa terminologia não é completamente adequada

⁴⁸ Graduanda da faculdade de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orientanda da Profa. Dra. Maria Regina Candido. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC – UERJ/CNPq. Email para contato: pmarquesfranca6@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8646-7172>.

⁴⁹ Professora Titular de História Antiga e Medieval do Departamento de História da UERJ. Professor PPGH/UERJ e PPGHC/UFRJ. Coordenadora do NEA/CEHAM/UERJ. Editora Chefe da revista NEARCO e do Jornal Philia. Pesquisadora de Produtividade do CNPq. Email para contato: medeiaacandido@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1278-838X>.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.etymonline.com/pt/word/prostitute>. Acesso em 20 de abril. 2025.

de ser aplicada no contexto da antiguidade, na medida em que não detém a mesma denotação nas sociedades antigas, sobretudo em civilizações como a Suméria, Acádia e Babilônia (Assante, 2007, p. 126). Patrício de Albuquerque Vieira observa que, a partir do advento dos princípios do cristianismo, a prostituição passa a ser vista como um sinônimo de pecado, além de qualquer ato que detivesse relação com o prazer (Vieira, 2016, p. 2).

Nesse contexto, no vocabulário grego as palavras que correspondem às mulheres que atuam na esfera do sexo corresponde à *hetairai* ou *pornai*. No entanto, nos últimos dez anos, alguns historiadores desenvolveram um debate acerca da polissemia do vocábulo *hetairai*, como é o caso da autora Rebecca Futo Kennedy. Segundo Kennedy, há por parte dos estudiosos, uma tendência a generalizar o termo, trazendo-o para a contemporaneidade, ao atribuí-lo à palavra “cortesã”, além de interpretar que todas as mulheres participantes dos simpósios gregos, nuas⁵¹, tocadoras de flautas ou segurando consigo um saco de moedas, seriam evidentes prostitutas (Kennedy, 2015, p. 61).

Kennedy argumenta que não há menção à palavra *hetaira*, atuando como um equivalente à prostituta anteriormente a Heródoto (Kennedy, 2015, p. 64), o qual teria vivido durante o século V a.C. No transcorrer do período arcaico, alguns autores antigos mencionam o termo *hetairai*, contudo, em um contexto de simpósio, podendo ser utilizado para denotar que as mulheres poderiam igualmente deter companhia em banquetes, possivelmente de outras mulheres, porém não exclui a probabilidade de serem homens (Kennedy, 2015, p. 65). Dessa forma a autora conclui que, inicialmente a terminologia *hetairai* era designada para mulheres da elite ateniense, as quais participavam dos simpósios gregos (Kennedy, 2015, p. 67) – algo do qual seriam posteriormente excluídas no Período Clássico. Subsequentemente, observaremos que tal realidade sofrerá uma mudança, ao passo que a palavra, no quinto século, se torna atribuída à,

⁵¹ A questão da nudez é igualmente desmistificada por Andrew Dalby, ao afirmar que o fato de uma figura feminina ser representada nua não necessariamente a classifica como uma *hetaira* (Dalby, 2002, p. 112), ao passo que se compararmos com as pinturas de nudez feitas em períodos posteriores, não assumimos que aquelas mulheres atuavam na esfera da prostituição, logo não seria justo fazer uma diferenciação entre os gregos.

sobretudo, mulheres estrangeiras, as quais se utilizavam de sua beleza e sedução para atrair homens, frequentando banquetes e festas.

Por outro lado, a autora Leslei Kurke argumenta que a *hetaira* teria sido uma categoria inventada pelos simpósios durante o VI século a.C. Diferentemente da prostituta comum, a qual era relacionada com a simples mercantilização do sexo, a *hetaira* se constituía como uma cultura de troca de presentes, associada ao mundo dos simpósios e, conseqüentemente, a uma camada mais abastada da sociedade. De acordo com Kurke essa oposição entre ambos os gêneros de prostitutas se relaciona diretamente com o início da cunhagem de moedas, uma vez que uma posição mais aristocrática se mantinha contra o surgimento desse novo sistema, enquanto aqueles que a autora pontua como parte de uma “tradição intermediária” se opunham e apoiavam a troca monetária (Kurke, 1997, p. 110).

Dessa forma, neste ensaio, nos propomos a analisar de forma mais aprofundada, o cotidiano dessas mulheres. Qual posição estabelecem na sociedade ateniense? Como adentravam a esfera da prostituição? Poderia ser, de alguma forma, uma profissão lucrativa? Buscamos responder estas questões envolvendo essas mulheres, além de demonstrarmos que não se tratava de um único grupo, não sendo possível descartamos a presença das *pornai*⁵². A partir disso, trabalharemos com diversas documentações que atestam a existência delas e nos concedem mais detalhes sobre as profissionais do sexo gregas, sobretudo o Discurso Contra Neera, redigido pelo orador Apolodoro.

Ao abordarmos as mulheres no período da antiguidade clássica nos deparamos com diferentes sociedades, nas quais o papel desta não se faz completamente similar. Dentro do corpo social heleno, encontramos múltiplas póleis, nas quais as mulheres desempenham papéis sociais diversos. Contudo, esse cenário nem sempre se fez de tal forma, na medida em que o interesse por parte da pesquisa sobre mulheres na antiguidade grega se mostra relativamente

⁵² O presente ensaio não pretende realizar uma reconstrução exata do cotidiano dessas mulheres, uma vez que se torna algo complexo na medida em que a documentação a respeito de suas vidas foi redigida por homens, nos sendo impossibilitados de analisar a temática partindo do ponto de vista do grupo abordado.

recente. Durante um longo período, acreditou-se que não seria interessante estudar profundamente o feminino grego, em virtude da crença de que as mulheres, sobretudo atenienses, se concentravam somente em um local denominado de *gineceu*⁵³, sendo assim, completamente excluídas do mundo público e, conseqüentemente da política⁵⁴.

Neste cenário podemos caracterizar o corpo social feminino ateniense em: *gyné* (esposa), *pallaké* (concubina), *hetaira* (cortesã) e *porné* (prostituta comum). Dentro dos estudos sobre as mulheres em Atenas, encontramos muitos trabalhos relativos ao papel desempenhados pelas *gynai*, na medida em que, sendo esposas de cidadãos, detinham destaque maior, possuindo maior documentação iconográfica e textual⁵⁵ (Lessa, 2004, p. 14). Contudo, nos propomos neste trabalho a abordar a função e posição social desempenhadas pelas *hetairai* e pelas *pornai*, considerados grupos subalternos dentro da sociedade ateniense.

As *hetairai* são frequentemente representadas, tanto pela iconografia, como pela literatura, em cenários de simpósios gregos, um evento muito singular da cultura helena. De acordo com Fiona Hobden, a palavra simpósio ao ser separada significa beber juntos, sendo a partícula “*sun*” correspondente à “com” e a segunda parte “*posis*” refere-se a “beber” (Hobben, 2013, p. 7). Nesse sentido, como pontuado por Ana Elias Pinheiro a primeira parte do evento consistiria em um jantar e posteriormente se seguiria para o ato de beber, dessa

⁵³ Poderia ser definido como um cômodo da casa, o qual era reservado exclusivamente para as mulheres, sendo rara a aparição de homens em tal local. Martin Robertson e Mary Beard afirmam que nas poucas documentações iconográficas em que há a presença de uma figura masculina, podemos notar que esta pode, em alguns casos, ser desproporcional ao ambiente, sugerindo que provavelmente seria uma forma de evidenciar que o homem não pertence àquele meio (Robertson; Beard, 1993, p. 23 *apud* Lessa, 2010, p. 61-62).

⁵⁴ Além disso podemos ressaltar o fato de que, a maior parte dos textos que chegaram até nós são de autoria masculina, algo que dificulta o entendimento acerca dessa parte da sociedade (Berquó, 2016, p. 28).

⁵⁵ Fábio Lessa ratifica que as esposas atenienses não detinham participação política direta, porém não eram completamente reclusas ao *gineceu*, como se acreditava, na medida em que realizavam atividades como buscar água em fontes e colheita de frutos (Lessa, 2009, p. 101). Mariana Figueiredo Virgolino acrescenta que o ato de pegar água consiste em uma atividade essencialmente doméstica e feminina, a qual permitia o contato entre as mulheres da vizinhança (Virgolino, 2013, p. 186).

forma, se formava um espaço de discussões e lazer, no qual havia a presença de dançarinas (Pinheiro, 2008, p. 13).⁵⁶

As demais atuantes da esfera do sexo se concentravam em bordeis, os quais no caso de Atenas se localizavam em uma parte da pólis conhecida como Cerâmico, ao norte de Atenas. Neste local se dirigiam todos os indivíduos não abastados, ou seja, aqueles que não detinham requisitos monetários suficientes para receber em suas casas a companhia de uma *hetaira*. Dessa forma, é no Cerâmico onde encontramos a maior parte das casas de prostituição (Salles, 1982, p. 17). Catherine Salles argumenta que, embora haja outras localidades onde possamos encontrar tal prática ocorrendo, o Cerâmico é singular, marcado em suas paredes com avisos de possíveis ofertas de encontro, bem como declarações de amor (Salles, 1982, p. 18). Maria Regina Candido acrescenta que neste ambiente era igualmente comum a venda de vinho, em tabernas ou feiras, sendo assim frequentado pelas prostitutas (Candido, 2014, p. 163).

Tal constatação nos leva a salientar que, além de constituírem parte do corpo social heleno, o grupo feminino supracitado se mostrava heterogêneo, uma vez que pode ser bipartido entre a *Hetaira* e a *Porné*. No que tange às *hetairai*, podemos descrevê-las como espécies de cortesãs, as quais não se restringiam somente a questão sexual, ao passo que estas detinham conhecimento em artes, música e dança e, em virtude disso, participavam frequentemente de banquetes e festas, como uma forma de entretenimento dos convidados (Curado, 2013, p.16-17). Não obstante, as *pornai* não detinham os mesmos privilégios obtidos pelas *hetairai*, tendo em vista que se tratava de prostitutas comuns, as quais atuavam somente como profissionais do sexo e, conseqüentemente, não eram adornadas tal qual as cortesãs.

⁵⁶ No entanto, tal momento poderia ser alvo de críticas por parte de alguns autores antigos. Xenofonte, em sua obra *Banquete*, tece críticas, através de Sócrates, a respeito do exagero de bebidas que acomete muitos participantes. O autor afirma que “[...] se emborcarmos uma enorme quantidade de bebidas, rapidamente nos falharão os corpos e as mentes [...]” (Xenofonte, *Banquete*, 2.25). Esse ideal é abordado por Michel Foucault em seu livro *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. O autor reconhece que práticas tidas como viciosas, como o consumo de bebidas e o próprio sexo, eram pensadas com cautela por alguns autores antigos, os quais aconselhavam que estas deveriam ser praticadas com moderação, uma vez que em excesso prejudicariam a formação de um cidadão virtuoso (Foucault, 2014, p. 69; 77).

Nesse contexto, torna-se importante ressaltarmos que em ambos os casos se tratava, em sua maioria, de mulheres estrangeiras ou escravas. Nesse sentido, a situação do estrangeiro na sociedade grega era complexa⁵⁷, com essa figura sendo posta à margem. As *hetairai* e *pornai* eram consideradas mulheres livres, exercendo de uma certa independência quando comparada à vida da esposa ateniense. Kostas Kapparis, ao discorrer sobre a posição do estrangeiro no corpo social, ratifica que estes poderiam ser divididos entre aqueles que eram, de fato, residentes (*metoikos*), e os que estavam somente de passagem pela pólis (Kapparis, 2019, p. 227).

Segundo o autor, os *metoikos* exerciam certos direitos, como o casamento – permitido apenas quando realizado entre estrangeiros⁵⁸, além de poderem constituir família (Kapparis, 2018, p. 228). Contudo Kapparis destacou que, alguns *metoikos* se destinavam ao caminho da prostituição, abdicando de um certo senso de respeito a si próprio e eram obrigados a pagar um imposto sobre seu trabalho, denominado de *pornikon telos*. Além disso, Kapparis ainda reconhece que este grupo representava grande parte dos profissionais do sexo, sobretudo no decorrer do quarto século. Logo, o autor finaliza afirmando que o imposto se tornou deveras lucrativo e, em virtude disso, se estendeu às prostitutas cidadãs (Kapparis, 2019, p. 229).

A questão monetária é notória quando pensamos nas razões pelas quais essas mulheres poderiam adentrar esse mundo, ao passo que a prostituição poderia ocorrer de forma voluntária ou compulsória. Madeleine M. Henry discorre a respeito da temática ao abordar o costume dos gregos de capturar mulheres

⁵⁷ Segundo Fustel de Coulanges (2001, p. 214), o estrangeiro era proibido de participar dos rituais públicos da pólis. Essa situação pode ser evidenciada no discurso de Apolodoro contra Neera. O julgamento de Neera detém como uma das justificativas, o fato de que a filha da *hetaira*, Fano, teria participado dos Mistérios de Dionísio, nos quais a presença do estrangeiro era proibida (Apolodoro [Demostenes], 59: 73). Dessa forma, infringindo uma regra que, segundo Coulanges, desagradava diretamente aos deuses, na medida em que, o autor explica que não há interesse por parte das divindades em receber sacrifícios advindos de um estrangeiro, sendo sua presença nos templos considerada uma ofensa (Coulanges, 2001, p. 214). Dessarte, a presença dessa figura poderia desestabilizar a finalidade dos sacrifícios, visto que alguém malquisto pelos deuses estaria participando (Coulanges, 2001, p. 201).

⁵⁸ Neera é igualmente acusada de ter se casado com um cidadão ateniense, algo que ela, como uma estrangeira, não teria o direito de fazer (Curado, 2014, p. 29)

durante expedições militares. Segundo a autora a existência de prostitutas escravas⁵⁹ era necessária para a manutenção do “patriarcado” e do estado (Henry, 2011, p. 14). Henry aponta que em alguns poemas homéricos podemos observar citações relacionadas a essa prática do sequestro de mulheres, a qual, de acordo com a autora, reflete uma atividade corriqueira entre a sociedade helena⁶⁰ (Henry, 2011, p. 15). Nesse contexto, as mulheres são tidas como figuras atrativas, na concepção sexual, além de proporcionarem mão de obra, sendo assim vistas como objeto de grande desejo (Henry, 2011, p.18).

Madeleine Henry (2011, p. 28) apresenta ainda a questão envolvendo o tráfico dessas mulheres. A autora ratifica a vivência de uma mulher chamada Rhodopis, a qual foi sequestrada na Trácia e prostituída em Naukratis, onde por volta do século V a.C era conhecido como um grande empório comercial e de prostitutas. Além disso, Henry pontua a existência de uma certa hierarquia entre as mulheres, sendo algumas menos valiosas do que outras, uma vez que, Pausânias narra o evento em que um navio, ao atracar em uma ilha, é surpreendido por um grupo de sátiros, os quais assediam as mulheres a bordo da embarcação. A solução encontrada pelos navegantes consiste em abandonar uma das mulheres estrangeiras na ilha e seguir a viagem juntamente com as demais (Pausânias, *Descrição da Grécia*, I.23: 5-7).

Além dessa prática, havia ainda aquelas que recorriam à prostituição de maneira voluntária. Ana Lúcia Curado apresenta que algumas mulheres, em número pequeno, adentravam a esfera da prostituição, em virtude da morte do marido e inevitável pobreza (Curado, 2013, p. 23). Havia para além, o hábito de alugar suas filhas como prostitutas para que conseguissem se manter, algo

⁵⁹ A palavra “*porné*” detém ligação direta com a situação dessas mulheres. Conforme aponta Catherine Salles, esta palavra significa “vendida” ou “à venda”, porém não detém relação direta com a aquilo que faziam, referindo-se, portanto, ao fato de que estas mulheres ocupavam a posição de escravas na sociedade e por isso estariam à venda (Salles, 1982, p. 21).

⁶⁰ No Hino Homérico a Deméter, ao chegar a Elêusis e em uma conversa com as filhas do rei Celeu, a deusa Deméter, disfarçada de uma senhora, ao ser perguntada de onde veio, responde ser originária de Creta e que teria sido trazida à força por piratas. Assim explica a deusa: “Involuntária cheguei; fui constrangida por força” (Homero, *Hino Homérico a Deméter*, v. 125) e continua revelando que posteriormente seria vendida ao afirmar que “Fugindo dos perversos amos, querendo também frustra-los: Que a venda não me lucrassem, sem ter-me sequer comprado” (Homero, *Hino Homérico a Deméter*, v. 131-132).

ocorrente entre as famílias mais desfavorecidas (Ullmann, 2007, p. 65). Catherine Salles argumenta que entre as famílias mais pobres, a existência de uma mulher era considerada apenas mais uma pessoa a ser alimentada. Logo era costume que a criança que nascesse uma mulher era colocada “à exposição”. Essas meninas eram abandonadas por suas famílias, colocadas, segundo a autora, próximas a lixeiras ou nos cantos das ruas. Dessa forma, havia muitos casos de pessoas que pegavam esses bebês e os vendiam como escravos, podendo, estas, posteriormente serem instruídas ao universo da prostituição (Salles, 1982 p. 46-47). Allisson Glazebrook ratifica ainda, a possibilidade de venda daquelas mulheres que haviam tido relações sexuais anteriormente ao casamento, uma vez que, ao deixar de ser casta esta mulher não serviria para ser esposa de um cidadão. Assim, Glazebrook afirma que “[...] só é possível que um cidadão prostitua sua irmã ou filha uma vez que ela é identificada como tendo relações sexuais fora do casamento”⁶¹ (Glazebrook, 2006, p. 45).

Embora se tratasse de mulheres pobres, estas ainda pertenciam à sociedade ateniense e, em virtude disso, se cobrava um valor mais alto para se relacionar com elas⁶², como aponta Ana Lúcia Curado (2013, p. 23). Nos questionamos: por que tal prática ocorria? Poderia estar relacionado com uma questão de maior dignidade? Tendo em vista que se tratava de mulheres livres, desde o nascimento, e as estrangeiras, como visto, não eram bem-quistas, embora compusessem a maior parte das profissionais do sexo. De acordo com Edward E. Cohen, seria, na verdade, o contrário do que pensávamos.

Cohen aponta que havia mulheres mais abastadas que se sujeitavam a serviços sexuais, as quais exigiam altos valores, porém “viviam um

⁶¹ Do inglês: [...] *it is only possible for a citizen to pimp his sister or daughter once she is identified as having had intercourse outside of wedlock* (Glazebrook, 2006, p. 45).

⁶² Em seu discurso contra Neera, Apolodoro, ao apresentar a todos o passado da mulher, comenta que esta teria sido sequestrada, vendida como escrava e comprada por uma mulher chamada Nicareta quando ainda era uma criança. O orador comenta que Nicareta apresentava Neera e outras meninas que havia adquirido da mesma forma, como se fossem suas próprias filhas, a fim de cobrar um valor mais elevado àqueles que decidissem se deitar com elas (Apolodoro [Demostenes], 59: 18-19).

relacionamento conjugal estável”. O autor explica que Atenas era uma sociedade construída com base na competição, utilizando a expressão “competição de soma zero” (Cohen, 2015, p. 170), a qual pode se encaixar nesse contexto, na medida em que, havia a política de que, para adquirir-se um certo status outra pessoa deveria ser degradada. Dessa forma, os altos valores investidos pelos homens para se deitar com essas mulheres cidadãs consistia em uma forma de destruir sua imagem e, conseqüentemente, de sua família. Cohen cita o exemplo de Phryniôn, o qual detinha prazer em humilhar a prostituta com quem mantinha relações. A mulher era bem paga, com joias, roupas e servas, como uma forma de suportar essa degradação. Dessa forma Cohen nos apresenta uma outra face do mundo boêmio, o qual iria além de uma atividade sexual, excedendo para uma relação de poder e status (Cohen, 2015, p. 170).

No que tange os valores cobrados para se relacionar com estas mulheres, poderemos notar que os preços não são fixos, se alterando de acordo com determinadas situações. Allison Glazebrook afirma que é muito provável que as próprias mulheres, ou os responsáveis por elas, cobrassem valores maiores (Glazebrook, 2011, p. 47). Edward Cohen aponta que o valor poderia ser alterado de acordo com a preferência do cliente, a qual Glazebrook pontua como exemplo a posição sexual desejada (Glazebrook, 2011, p. 47), bem como os sentimentos expressados pela prostituta para com o cliente (Cohen, 2015, p.167). William T. Loomis, afirma que uma *hetaira* considerada de “alta classe” conseguia um mínimo de dois dracmas por encontro, podendo variar para mais de fatores como “idade, atrações, humor no momento, e os recursos e urgência do cliente”⁶³, o valor que recebia esse tipo de prostituta poderia chegar a mil dracmas, de acordo com o autor. Por outro lado, uma prostituta comum recebia somente três óbulos (Loomis, 1998, p. 185). Contudo, Cohen aponta exemplos de mulheres que exigiam enormes quantias, como o caso de Krokálê, a qual requereu o valor de

⁶³ Do inglês: *age, attractions, mood at the moment, and the resources and urgency of the costumer* (Loomis, 1998, p. 185)

2 talentos, ou doze mil dracmas, para que mantivesse um relacionamento de longa duração e que fosse exclusivo com Deinomakhos ⁶⁴ (Cohen, 2015, p. 166).

Há relatos que homens que perderam grandes somas de dinheiro em virtude do mantimento de uma *hetaira*, visto que, pelo valor que era cobrado, essas mulheres não se encaixavam na posição de simples prostitutas comuns. John J. Winkler apresenta a situação em que se encontrava um homem nomeado Timarkhos. Segundo o autor, este homem detinha uma certa fortuna, podendo se encaixar no que ele denomina de “classe litúrgica”, porém gastava valores altos com as mais caras prostitutas e flautistas e por isso começou a utilizar o patrimônio de seu pai para sustentar seus desejos sexuais. Essa situação o levou ao ponto de vender as propriedades que possuíam não pelo preço justo que, de fato, valiam, e sim pelo primeiro valor que lhe aparecia, algo que fora destruindo seu patrimônio aos poucos (Winkler, 1990, p. 189).

No que tange a “liberdade” exercida por uma prostituta, podemos pontuar que estas detinham maior independência, porém quando comparadas às mulheres casadas. Nesse sentido, as *hetairai*, uma vez que atuavam como cortesãs, poderiam circular no local que conhecemos como o espaço público da pólis. Essas mulheres poderiam atuar como dançarinas, musicistas, além de deterem conhecimentos sobre alguns temas filosóficos. Dessa forma, participavam de banquetes e festas, detendo, assim, contato com o que era considerado espaços restritos ao mundo masculino⁶⁵. Contudo, embora fossem passíveis de frequentar esses ambientes, as prostitutas não se constituíam de mulheres completamente autônomas, sobretudo aquelas que ocupavam a posição de escravas, ou seja, as *pornai*. Nesse contexto, segundo Edward Cohen as prostitutas consideradas livres poderiam reter parte daquilo que adquiriram

⁶⁴ Cohen afirma que, segundo Lommis, no período precedente a 322 a.C, os arcontes recebiam um total de 4 óbulos por dia, os membros da assembleia recebiam em torno de 6 a 9 óbulos, enquanto os politai recebiam 3 óbulos (Lommis, 1998, p. 23-25 *apud* Cohen, 2015, p. 164). A partir desta análise, podemos determinar que o salário, mesmo daqueles atuantes na política e justiça grega, não recebiam valores exorbitantes. Logo, podemos concluir que, de fato, gastar até mil dracmas com uma prostituta, na verdade, era um valor muito alto a ser cobrado.

⁶⁵ Neera, a exemplo, deteve como amantes um ator, Hiparco, além de um poeta deveras conhecido, Xenoclides, enquanto trabalhava na pólis de Corinto (Apolodoro, [Demostenes], 59: 26).

com seu trabalho, enquanto aquelas que, porventura fossem propriedade de um *pornoboskos* deveriam ceder parte de seus ganhos a esta pessoas⁶⁶ (Cohen, 2015, p. 171).

Algumas cortesãs detiveram alguma forma de destaque em suas vidas. Dessa forma, podemos tomar dois exemplos, a saber: a própria Neera e um outra mulher denominada de Frineia. O caso da primeira, deveras retratado ao longe deste trabalho, consiste inicialmente em uma menina, a qual foi comprada por Nicareta, em um mercado de escravos – apontado como sendo possivelmente em Corinto, por Catherine Salles (1982, p. 46) – juntamente com outras sete meninas. Apolodoro aponta que Neera, desde muito nova, foi inserida à esfera da prostituição, se tornando posteriormente uma *hetaira* (Apolodoro [Demóstenes], 59:23). Contudo, o julgamento da mulher nos revela que naquele momento Neera teria levado suas práticas para o interior da *oîkos*, porém havia se casado com um cidadão ateniense e sua filha com o arconte-rei de Atenas, algo do qual é igualmente acusada de ter incitado (Apolodoro [Demóstenes], 59:41;50). Dessa forma, podemos concluir que Neera se torna um dos exemplos de mulheres que, de alguma forma, haviam alcançado um status mais elevado na sociedade, embora esteja sendo julgada por isso.

No que concerne a história de Frineia, ela é, tal qual Neera, uma *hetaira*, como demonstra uma carta enviada por Bacchis ao orador Hyperides, na qual afirma: “Nós cortesãs somos muito gratas a você, e de todas nós não menos do que Frineia [tradução nossa]”⁶⁷ (Alciphron, *Letters IV*, 4.3). Sua beleza detinha tamanho destaque, ao passo que foi modelo do escultor Praxiteles (Candido, 2014, p. 153). A carta pontua ainda que Hyperides, após defender Frineia em um julgamento, se torna seu amante, como uma espécie de troca de favores (Alciphron, *Letters IV*, 4.4). Maria Regina Candido aponta que a mulher é acusada

⁶⁶ Apolodoro aborda o fato de que, Lísias teria pagado para que a prostituta com quem se envolvia, ou seja, Metanira, fosse capaz de participar dos Mistérios Eleusinos, justificando que caso não o fizesse, seu *pornoboskos* poderia se apoderar de parte de seus lucros. Logo, com ele mesmo pagando por tal propósito, tudo aquilo que gastasse com a mulher poderia ser uma forma de agradar ela mesma (Apolodoro, *Contra-Neera*, 21).

⁶⁷ Do inglês: *We courtesans are all grateful to you, and each of us no less than Phryne [tradução de fulana de tal]* (Alciphron, *Letters IV*, 4.3).

de impiedade, além de iniciar outros homens e mulheres em um culto secreto não aprovado pela legislação ateniense (Candido, 2014, p. 153). Candido argumenta que a hetaira estaria igualmente envolvida com casos relativos à prática de magia, algo que, segundo a autora, eram frequentemente acusadas as mulheres estrangeiras, uma vez que as acusações de impiedade eram frequentemente voltadas para mulheres que detinham alguma espécie de posse de bens e ao serem condenadas seus bens poderiam ser em parte adquiridos pelos *sicofantas* (Candido, 2014, p. 160; 162). Plutarco acrescenta que o defensor de Frinea, Hyperides, ao perceber que estava prestes a perder o processo, rasga as roupas da cortesã, a fim de expor para os juízes os seios da mulher, os quais, de acordo com Plutarco eram deveras pálidos, além de belos e que, em favor disso, ela foi absolvida (Plutarco, *Vitae Decem Oratorum*, 9). Esse evento a torna famosa em toda a Grécia (Alciphron, *Letters IV*, 4.4).

Dessa forma, podemos concluir que, embora se tratasse de uma posição social subalternizada, era possível, mesmo que em poucos casos, alcançar um certo destaque dentro da sociedade, o qual no caso de Neera continuou com uma impressão negativa para com a mulher, enquanto na conjuntura de Frineia, podemos evidenciar um certo prestígio, mesmo que simbolizado através da beleza, o qual, no entanto, não se torna garantia de nenhuma ascensão social. Neste ponto se diferencia de Neera, ao passo que esta, ao se casar com Estéfano, um cidadão, adquire a posição de esposa, uma prática ilegal, todavia, a qual será posteriormente acusada por Apolodoro.

Considerações Finais

Podemos observar no transcorrer do presente ensaio que, entre os helenos, a posição da mulher dentro da sociedade ateniense se torna rechaçada, sendo, pois, um objeto com o qual os homens utilizam para satisfazer seus desejos, algo que, como pontuado por Plutarco, seria sua função (Plutarco, *Diálogo sobre o Amor*, 750 d). Contudo, os atos prazerosos, relativos às práticas sexuais, eram, em sua maioria, restritos à esfera das *hetairai* ou *pornai*,

tornando-as indispensáveis dentro do corpo social, podendo atuar somente como simples profissionais do sexo, como as *pornai*, ou poderiam ser embutidas de certas habilidades, as quais as possibilitavam maior participação no mundo público da pólis, agindo como companheiras em festas e banquetes, como as *hetairai*.

Por fim, torna-se importante salientarmos que, se seguirmos a hipótese proposta por Kennedy, o seguinte trabalho possibilitou percebermos a mudança sofrida pela nomenclatura “*hetaira*”, a qual, segundo a autora, durante o Período Arcaico era relativa às mulheres da elite frequentadoras dos simpósios gregos. No entanto, a partir do Período Clássico, a palavra passa a ser utilizada para denominar mulheres, sobretudo estrangeiras e escravas, que utilizavam de seus corpos para conseguir algum dinheiro, seja feito de forma voluntária, como uma pequena parcela, ou de maneira compulsória. Esta última pode ser evidenciada através dos sequestros de mulheres, as quais seriam vendidas e detinham alto valor de cobiça por parte dos homens, ou até mesmo por algumas mulheres, como no caso de Nicareta, uma vez que poderiam ser utilizadas para serviços laborais e sexuais.

Documentação

ALCIPHON. *Letters IV*. Disponível em: <https://topostext.org/work/495>. Acesso 26 março 2025.

APOLODORO. *Contra Neera [Demóstenes] 59*. Tradução de Glória Onelley. Introdução, notas e índice de Ana Lúcia Curado. Imprensa da Universidade de Coimbra, 3 ed, 2013.

HOMERO. *Hino Homérico II A Deméter*. Tradução, introdução e notas de Ordep Serra. São Paulo: Editora Odysseus, 2009.

LUCIANO DE SAMÓSATA. *Luciano [1]*. Tradução, Introdução e Notas de Custódio Magueijo. Imprensa da Universidade de Coimbra, 1 ed, 2012.

PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*: livro 1. Introdução, Tradução e Notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

PLUTARCO. *Diálogo Sobre o Amor, Relatos Sobre o Amor*. Tradução, introdução e notas de Carlos A. Martins de Jesus. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1 ed, 2009.

PLUTARCO. *Vitae Decem Oratorum*. Disponível em: <http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0007.tlg121.perseus-eng2:9>. Acesso em 26 março 2025.

XENOFONTE. *Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução, Introdução e Notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1 ed, 2008.

Referências

BERQUÓ, Thirzá Amaral. Entre as Heroínas e o Silêncio: A Condição Feminina na Atenas Clássica. *Oficina do Historiador*, p. 1984-2005, 2014.

BERQUÓ, Thirzá Amaral. Aspásia de Mileto: Mulher e Filosofia na Atenas Clássica I. In: PACHECO, Juliana (Org). *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

BOEHRINGER, Sandra. A sexualidade tem passado? Do éros grego à sexualidade contemporânea: questionamentos modernos ao mundo antigo. Tradução de Letícia Batista R. Leite e revisão de Natália Gonçalves de Souza Santos. *Bogoas*, n. 15, p. 13-32, 2016.

CANDIDO, Maria Regina. Mulheres Estrangeiras e as Práticas da Magia na Atenas do Século IV. a.C. In: FUNARI, Pedro Paulo A; FEITOSA, Lourdes Condes; SILVA, Glaydson José da (Orgs). *Amor, Desejo e Poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

COHEN, Edward E. *Athenian Prostitution: The Business of Sex*. Oxford University Press, 2015.

COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2001.

CURADO, Ana Lúcia. Introdução. In: APOLODORO. *Contra Neera [Demóstenes] 59*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 3 ed, 2013.

DALBY, Andrew. Levels of concealment: the dress of *hetaira* and *pornai* in Greek texts. In: JONES-LLEWELLYN, Lloyd (ed). *Women's Dress in the Ancient Greek World*. Londres: The Classical Press of Wales, p. 111-124, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 1 ed, 2014.

GLAZERBROOK, Allison. Porneion: Prostitution in Athenian Civic Space. In: GLAZERBROOK, Allison; HENRY, Medeleine M. *Greek Prostitutes in the Ancient*

Mediterranean, 800 BCE-200 CE. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, p. 34-59, 2011.

GLAZEBROOK, Allison. Prostituting Female Kin. *DIKE: Rivista di storia del diritto greco ed ellenistico*, 2008.

HENRY, Madeleine M. The Traffic in Women: From Homer to Hipponax, from War to Commerce. In: GLAZEBROOK, Allison; HENRY, Madeleine M (ed). *Greek Prostitutes in the Ancient Mediterranean, 800 BCE-200 CE*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, p. 14-33, 2011.

HOBDEN, Fiona. *The Symposium in Ancient Greek Society and Thought*. Cambridge University Press, 2013.

LESSA, Fábio de Souza. *Mulheres de Atenas: Mélissa – do Gineceu à Agorá*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2 ed, 2010.

LOMMIS, William T. *Wages, Welfare Costs and Inflation in Classical Athens*. The University of Michigan Press, 1 ed, 1998.

KAPPARIS, Kostas. The Social and Legal Position of Metics, Foreigners and Slaves. In: MARTIN, Gunther. *The Oxford Handbook of Demosthenes*. Oxford: Oxford University Press, 1 ed, p. 221-232, 2019.

KENNEDY, Rebecca Futo. Elite Citizen Women and the Origins of the Hetaira in Classical Athens. *Helios*, v.2, n.1, p. 61-79, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1353/hel.2015.0004>.

KURKE, Leslie. Inventing the Hetaira: Sex, Politics, and Discursive Conflict in Archaic Greece. *Classical Antiquity*, v. 16, n. 1, p. 106-150, 1997. DOI: <https://doi.org/10.2307/25011056>.

PINHEIRO, Ana Elias. Introdução. In: XENOFONTE. *Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução, Introdução e Notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1 ed, 2008.

PROSTITUTE. In: *Etymonline*. Disponível em: <https://www.etymonline.com/pt/word/prostitute>. Acesso em: 20 de abril. 2025.

SALLES, Catherine. *Nos Submundos da Antiguidade*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SANTOS, Juliana Magalhães dos. Espacialidade na Atenas do V Século a.C. *Revista Alétheia*, v. 9, n. 2, p. 97-104, 2014.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Amor e sexo na Grécia antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

VIERA, Patricio de Albuquerque. A Prostituta: do universo bíblico à sociedade contemporânea. Anais III CONEDU: Congresso Nacional de Educação. Campina Grande: *Realize Editora*. 2016.

VIRGOLINO, Mariana Figueiredo. *Fertilidade e Prosperidade na Ástý de Corinto: O Santuário de Deméter e Koré nos Períodos Arcaico e Clássico*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

WINKLER, John J. Laying Down the Law: The Oversight of Men's Sexual Behavior in Classical Athens. In: HALPERIN, David M; WINKLER, John J; ZEITLIN, Froma I (ed). *Before Sexuality: the construction of erotic experience in the ancient Greek world*. New Jersey: Princeton University Press, 1990.